

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

DESENVOLVIMENTO URBANO VERSUS ASSISTENCIALISMO:

A FUNÇÃO SOCIAL DO ALBERGUE NOTURNO RAMATÍS

UBERLÂNDIA 1990 à 2000



Vista aérea – cidade de Uberlândia

Uberlândia / MG.

1.542^{5.9}₂

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ROSIRLEI RENATA ANDRADE

DESENVOLVIMENTO URBANO VERSUS ASSISTENCIALISMO:
A FUNÇÃO SOCIAL DO ALBERGUE NOTURNO RAMATÍS
UBERLÂNDIA 1990 à 2000

Monografia apresentada como requisito parcial para graduação em História, desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. de Antônio de Almeida, do Instituto de História.

Uberlândia / MG - 2002

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio de Almeida (Orientador)

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida

Prof. Dra. Maria de Fátima Ramos de Almeida

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA (COHS)
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Minetrão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

AGRADECIMENTOS

*A Deus
por ter permitido que eu concluísse
este estudo.*

Ao Professor Antônio Almeida pela orientação e confiança no meu trabalho;

Aos professores Paulinho e Maria de Fátima, por terem aceitado o convite para serem membros da banca examinadora;

Ao João Batista, secretário do curso de História, pelo apoio e amizade durante o curso;

À Márcia, Assistente Social do Albergue Noturno Ramatís, por ter prontificado a me fornecer todo o material necessário à pesquisa;

Aos migrantes do Albergue Ramatís que concederam as entrevistas para este trabalho.;

Aos meus familiares por sempre me apoiarem em minhas decisões, em especial à minha Irmã Rosiene pelas oportunas intervenções;

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
-------------------------	-----------

CAPÍTULO 1

Do Discurso Ufanista à Realidade da População: Crescimento Urbano e Miserabilidade Social em Uberlândia	13
--	-----------

1.1 O Albergue Noturno Ramatís	19
---	-----------

CAPÍTULO 2

Do Sonho ao Pesadelo: Expectativas e Frustrações dos Migrantes Assistidos pelo Albergue Ramatís de Uberlândia	26
--	-----------

2.1 Experiências Silenciadas	31
---	-----------

CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
-----------------------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA	40
---------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

A posição geográfica ocupada pela cidade de Uberlândia no Triângulo Mineiro/MG, interligando o centro-oeste com o sudeste do país, fez com que a cidade se beneficiasse dos projetos políticos desenvolvimentistas a partir da década de 50.

A construção de Brasília a partir da segunda metade dos anos 50 interligando o sul, norte e nordeste com o centro-oeste do país, bem como o processo de desconcentração industrial do eixo Rio-São Paulo que possibilitou a transferência de grandes complexos industriais para Uberlândia no final da década de 60, foram fatores que contribuíram para a inserção da cidade no cenário nacional, atraindo um grande fluxo migratório para a cidade.

Entretanto, a partir da década de 60 a cidade começa a dar sinais de problemas sociais provocados pelo desenvolvimento urbano, como a mendicância, favelamento, miséria, menores abandonados, desemprego dentre outros.

Neste contexto, a classe política dominante contando com o apoio da Igreja, da Indústria e do Poder Judiciário criou projetos com o objetivo de disciplinarização do espaço urbano. Foi este o cenário de surgimento do Albergue Noturno Ramatís.

Destaca-se, com isso, que o problema da pesquisa, que está sendo aqui desenvolvida, trata da discussão da função social do Albergue Noturno Ramatís inserido no ambiente político do poder público local.

Desta forma, o tema de pesquisa se justifica na medida em que se nota um movimento de migrantes perambulando pela cidade de Uberlândia. Considerando que a posição geográfica de Uberlândia tornou-se rota de migração, torna-se necessário estudar a

política social desenvolvida pela cidade, no caso específico, o assistencialismo do Albergue Noturno Ramatís.

Num contexto geral, a análise de uma instituição social dessa natureza pode ser feita a partir de diferentes prismas, não sendo um mais importante que outro, mas representativos de diferentes enfoques, como social, econômico e político. O que problematizou-se aqui foi o fato de que esta instituição, que se apresenta na forma do assistencialismo caritativo desde sua constituição, seria também um instrumento para os setores dominantes locais manterem a higienização da cidade?

Neste sentido, o objetivo central do presente trabalho foi o de analisar a função social do Albergue Noturno Ramatís de Uberlândia frente ao discurso progressista do poder público local, buscando compreender, a partir dos fundamentos básicos da História Social, o significado social da instituição, tanto no seu aspecto físico quanto normativo. Aliado a isso, tornou-se necessário também identificar o perfil dos migrantes assistidos pela instituição.

A pesquisa se caracteriza ao mesmo tempo como bibliográfica e documental tendo em vista que foi a partir de documentos que foram obtidas importantes informações sobre a passagem dos migrantes por Uberlândia.

Como o desenvolvimento teórico utilizado trata-se da História Social e a realidade estudada refere-se ao Albergue Ramatís, especificamente no seu aspecto social, a operacionalização do método constituiu-se de constantes visitas ao Albergue Ramatís com a finalidade de conhecê-lo nos aspectos físicos e normativos. Para análise da instituição foram feitos levantamentos em fontes escritas como atas, relatórios anuais, regulamentos, jornais, álbuns fotográficos. Ao mesmo tempo fez-se uso das fontes orais, sendo que vários migrantes foram entrevistados.

Destaque-se, porém, que paralelamente a estas visitas surgiu a necessidade de conhecer o discurso político de Uberlândia frente às práticas sociais do albergue. Neste estágio, procedeu-se também com a revisão bibliográfica em artigos e revistas sobre a cidade.

Ainda que o presente trabalho trate de um problema amplo, o mesmo ficou limitado a alguns pontos de forma a não se perder em um grande número de informações. Além disso, a pesquisa não se preocupou em diagnosticar o motivo pelo qual os migrantes deslocaram-se para Uberlândia, uma vez que se pretendeu única e exclusivamente analisar sua estadia como usuário dos serviços sociais da instituição.

Importante salientar também, que a abordagem deu-se em torno do migrante pobre, uma vez que o mesmo não possui recursos para se manter na cidade, sendo obrigado a procurar a instituição para atendimento.

Outra delimitação importante, mas não limitadora dos resultados, é que foram analisados apenas documentos a partir de 1996, pois, segundo a instituição os registros referentes aos atendimentos realizados no albergue anterior a este período foram destruídos e mantidos apenas os mais recentes. Desta forma, a análise dos registros dos albergados se desenvolveu mantendo-se a média dos últimos cinco anos.

A questão social vem ganhando destaque nas últimas décadas, visto que a História Social perpassa a História Política, Econômica e Cultural, não sendo possível estudá-la em separado. Todavia, esta não é uma questão nova, pois não existe uma sociedade funcionando sem alguma base de leis, normas e convenções sociais que lhe dão sua forma específica e até seu conteúdo.

O que se tem é um aprofundamento dos estudos envolvendo as questões sociais, uma vez que a História não é uma ciência à qual se aplica determinada fórmula e chega-se a um resultado esperado.

Neste sentido, a História se transforma numa ciência particular, de categorias próprias, de métodos peculiares e com uma lógica definida. Sendo necessário o entendimento de alguns conceitos empregados no processo histórico de forma a diferenciá-los de seu uso em outras disciplinas para não perder a sua própria historicidade.

A Escola dos Annales em 1929 trouxe grandes contribuições para a historiografia, na medida em que causou uma Revolução Historiográfica. A partir deste momento, a História passa a ser vista de outra forma, na prática ela deixa de ser uma crônica de fatos, de análise do documento histórico escrito como verdade única e amplia o leque de fontes até então desconhecidas e desconsideradas, como por exemplo as fontes orais, filmes, estatísticas e outros. A partir daí, amplia-se o campo de análise com outras disciplinas das Ciências Sociais, utilizando o método comparativo com a sociologia, antropologia, economia, geografia dentre outras.

Thompson, a partir de 1966, fundamentou suas pesquisas empíricas a partir da realidade inglesa, propõe uma mudança na forma de fazer História e transforma alguns conceitos numa linguagem comum entre os historiadores, onde o pobre, o excluído, o operário também ocupam seu lugar na História.

O autor preocupa-se, também, com as massas e a identidade da classe trabalhadora no contexto específico da industrialização, de forma a incorporar múltiplas evidências de vida dos homens e a explorar as experiências históricas. Inclui em sua análise as regras visíveis e invisíveis da dominação social, bem como as formas simbólicas de dominação e resistência.

Em consonância com a abordagem de Thompson, Hobsbawm enfoca a história das pessoas comuns como um campo especial de estudo. Como observa Fenelon (1992), Hobsbawm na tentativa de explicar sua posição acerca da História social, já dizia que

jamais poderia encarar a História Social como uma outra especialização ou qualquer outra História com hífen – porque seu objeto nunca pode ser tomado como em separado.

De acordo com Hobsbawn

“os aspectos sociais do ser humano não podem ser separados dos outros aspectos do seu existir... dos modos pelos quais os homens constroem o seu viver e se relacionam com o seu ambiente... não podem se separados de suas idéias (por exemplo), uma vez que suas relações uns com os outros são expressas em linguagem o que implica conceitos, logo que abram a boca...”¹

Desta forma pode-se concluir que a História Social não é uma construção abstrata, pois de fato ela tem suas dimensões, como espaço e tempo cronológico, está nas inter-relações humanas e também nas diferentes classes sociais.

Neste escopo, buscou-se relatar as experiências humanas dos migrantes que buscam atendimento no Albergue Noturno Ramatis de forma a dar subsídios à pesquisa em questão.

Além dos conceitos gerais da História Social abordado por Thompson e Hobsbawn, fez-se necessário estudar a História Social no contexto local, especificamente a questão dos migrantes na cidade de Uberlândia vindos em busca de melhores condições de vida. Para isso buscou-se utilizar a obra de Maria Clara Machado (1990), uma vez que a

¹ Citado por FENELON, Déa Ribeiro - **O HISTORIADOR E A CULTURA POPULAR: história de classe ou história do povo?** – História e Perspectivas, Uberlândia, 6-5-23. Jan/Jun. 1992, Pág. 11

mesma aborda criticamente o processo de disciplinarização e controle da pobreza no espaço urbano por meio do moderno conceito da filantropia.

A questão da disciplinarização do espaço urbano não é uma questão nova conforme observa a autora, visto que os códigos de postura de 1903 e 1912 regulamentaram o cotidiano da sociedade uberlandense objetivando a ordem pública, reprimindo o jogo, a mendicância, a prostituição, o roubo, entre outros.

Já o código de postura de 1950 insere a questão do migrante, deixando claro que somente seriam tolerados aqueles necessitados que fossem de Uberlândia”², ou seja, não haveria espaço para o migrante fazer mendicância na cidade, pois segundo a autora

“os migrantes são vistos pela sociedade como um objeto do qual se quer ver livre e não como um problema social que mereça ser seriamente avaliado e resolvido”³.

A autora mostra, ainda, que o poder público privilegia as iniciativas assistenciais privadas, geralmente entidades de caráter religioso, na medida em que repassa verbas a estas instituições assistenciais, pois este repasse torna-se menos oneroso do que assumir o compromisso da assistência social pública.

Percebe-se que o uso das práticas filantrópicas pelo poder público é uma das formas alternativas de resolução do problema da pobreza urbana, mas questiona-se até que ponto estas práticas podem ser usadas como instrumento para os setores dominantes locais

² MACHADO, Maria Clara Tomaz. A Disciplinarização da Pobreza no Espaço Urbano Burguês: Assistência Social Institucionalizada (Uberlândia 1965/1980. Dissertação de Mestrado/USP, 1990. Pág. 53

³ Idem, pág.220

manterem a higienização da cidade e manter a chamada sociedade do progresso entendida como uma sociedade urbana ordenada.

O presente trabalho está dividido em dois capítulos, além desta introdução que foi desenvolvida procurando caracterizar a História Social como processo histórico, bem como, destacar a visão de Thompson e Hobsbawn num contexto geral e de Maria Clara Machado num contexto mais específico. No primeiro Capítulo é apresentado o discurso ufanista de Uberlândia frente à sua realidade social, bem como, o Albergue Noturno Ramatís. Já o Capítulo dois apresenta as expectativas e frustrações dos migrantes assistidos pelo Albergue Ramatís em Uberlândia. Em seguida encontram-se as considerações finais do trabalho.

CAPÍTULO 1

DO DISCURSO UFANISTA À REALIDADE DA POPULAÇÃO: CRESCIMENTO URBANO E MISERABILIDADE SOCIAL EM UBERLÂNDIA



Vista aérea – cidade de Uberlândia

Conforme abordado anteriormente, a posição geográfica ocupada pela cidade de Uberlândia, interligando o centro-oeste com o sudeste do país, fez com que a cidade se beneficiasse dos projetos políticos desenvolvimentistas a partir da década de 50 tornando-se rota de migração nacional.

Neste contexto,

“Uberlândia passa a ser um dos eixos de convergência dos interesses da reprodução do capital industrial, concretizando o sonho de qualquer cidade do interior – industrializar-se”⁴,

Paralelamente à concretização do seu projeto desenvolvimentista junto ao Governo Federal, a administração pública, juntamente com o discurso produzido pela elite local e pela imprensa, vão projetar Uberlândia no cenário nacional como uma cidade ordeira e progressista, livre de problemas sociais.

Este discurso atrai pessoas de todas as regiões do país, intensificando o fenômeno da migração na cidade e conseqüentemente provocando o crescimento desordenado da mesma.

Este fato pode ser evidenciado na reportagem do Jornal Triângulo, publicado em 12 de maio de 1996 intitulada **Migrantes aportam em Uberlândia: Mito de cidade desenvolvida faz com que o município se torne alvo de preferência,**

... em 1985, Uberlândia recebeu 3.512 migrantes.

Passados 10 anos, esse número deu um salto assustador. 8.251 migrantes foram cadastrados na cidade no ano de 1995, sem contar que esse ano o número continua crescendo. Essa leva de pessoas, dentre elas, mendigos, muitos deles, profissionais, deficientes mentais, alcoólatras, idosos

⁴ MACHADO, Maria Clara Tomaz. **A Disciplinarização da Pobreza no Espaço Urbano Burguês:** Assistência Social Institucionalizada (Uberlândia 1965/1980). Dissertação de Mestrado/USP, 1990. Pág. 3

*abandonados, menores e itinerantes, vêm para o município em busca de uma oportunidade de trabalho. A maioria não possui nenhuma qualificação profissional, tem baixa escolaridade e estão desempregados. Resultado: favelamento, miséria, fome, violência urbana, tráfico de drogas, meninos de rua.”*⁵

Com o desenvolvimento comercial da cidade os problemas com os migrantes aumentaram. De acordo com João Marcos, antropólogo da Universidade Federal de Uberlândia, em entrevista concedida ao Jornal **O Triângulo** de 12 de maio de 1996, a partir da década de 80, os migrantes vinham até Uberlândia atraídos pela fama de cidade progressista. Estes migrantes tinham a ilusão de realização financeira aqui. Segundo o autor, as próprias elites locais criaram o mito de que a cidade é maravilhosa, não foram os migrantes que inventaram isso, a própria imprensa também ajuda. O autor salienta, ainda, que é preciso parar de fazer essa propaganda, já que Uberlândia é uma cidade brasileira cheia dos mesmos problemas de outras.

Na verdade, o discurso progressista criou uma mitologia da cidade que é ambígua segundo o referido autor, pois ao mesmo tempo em que ela dá um cravo, dá uma ferradura. Agora as pessoas correm atrás deste mito, de que aqui vai adquirir casa própria, emprego, saúde, educação e ficar rico.

Faz-se necessário salientar que este discurso continua sendo divulgado em revistas de âmbito nacional e local, como pode se verificar nos dois trechos a seguir:

⁵ Jornal: O Triângulo, 12/05/1996 p. 9

“Uberlândia, cidade moderna e futurista, sinônimo de desenvolvimento e qualidade de vida. Cidade pólo e de localização geográfica privilegiada, Uberlândia lidera o desenvolvimento do Triângulo Mineiro, sendo também agente de integração entre os grandes centros urbanos e o interior do país. É uma das 10 cidades brasileiras mais viáveis para novos investimentos, destacando-se em cinco aspectos: logística, infra-estrutura, mão-de-obra, política de incentivos e qualidade de vida”... “Possui estrutura de primeiro mundo: mais de 80% das vias públicas são asfaltadas e 100% de edificações têm água, esgoto e energia elétrica. Depois de concluído o projeto de despoluição do Rio Uberabinha será a primeira cidade brasileira com 100% de água tratada, esgoto canalizado e esgoto tratado”⁶.

“Rica, poderosa e fútil...Sim, se o interior dos arredores da BR-153 tivesse de eleger uma capital, sem dúvida seria Uberlândia. É a cidade dos sonhos de quem vive nas redondezas. Cinema, teatro, museu...Trabalha duro na agricultura, na indústria e no comércio. É o maior centro

⁶ Revista Dystaks, julho/agosto 2001 – pág. 18

atacadista-distribuidor de produtos industrializados da América Latina. E esbanja dados de qualidade de vida muito semelhantes aos do Primeiro Mundo. A cidade foi considerada modelo para a América Latina pelo Banco Mundial. “Respiramos negócio”, diz Edson César Zanatta, secretário municipal de Indústria, Comércio e Turismo.” ...A taxa de analfabetismo é de apenas 4% e a mortalidade infantil é um quarto da média brasileira. Tem universidades e centros de formação de alto nível. O desemprego é quase inexistente.⁷

Diante do discurso ufanista sobre Uberlândia e dos conseqüentes problemas sociais como a mendicância, a miséria, menores abandonados, violência, aumento de favelas, falta de moradia, desemprego, prostituição dentre outros, a classe política dominante, juntamente com o apoio do poder público, da igreja, da indústria e do poder judiciário, criam projetos que têm como objetivos disciplinar o espaço urbano e controlar os problemas sociais, uma vez que a cidade está despreparada para receber a população de migrante.

Dentre os projetos criados pode-se citar o Código de Postura de (1950); a criação da Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia – ICASU ; o Centro de Atendimento ao Migrante e o Albergue Noturno Ramatís (1965) – objeto de estudo desse trabalho.

⁷ Revista Veja, 05/01/2000. Pág. 84

Conforme observa Déa Fenelon será através das instituições – de caridade, albergues, que o poder público tentará manter a ordem e o controle sobre esta aglomeração, ou seja, através destas organizações institucionalizadas da sociedade que o espaço urbano se organizará.

Se por um lado, a criação de instituições de caridade são desenvolvidas no sentido de acolher o pobre, o migrante, por outro, o poder público faz uso destas instituições para manter o seu discurso, na medida em que retira estas pessoas das ruas da cidade e proporciona seu retorno à sua cidade de origem, na tentativa de manter a cidade limpa de mendicâncias. Ou seja, ao mesmo que as “atraem”, as “expulsam”.

Algumas práticas como a desfavelização, o serviço de amparo ao migrante no terminal rodoviário (que fornece desde passagens de ônibus até alimentação, recolhimento em albergue, atendimento médico) mostram o interesse do poder público em manter a cidade limpa de mendicâncias, maquiando a realidade social mesmo com as estatísticas evidenciando o contrário, conforme comprovado na pesquisa dos indicadores sócio-econômicos do município de Uberlândia, mais conhecida como Censo da Pobreza divulgado pela Universidade Federal de Uberlândia em 05 de dezembro de 2001:

“Quase a metade da população de Uberlândia, 43%, é formada por pessoas pobres, 10,7% são indigentes e mais da metade dela, estimada em 500 mil habitantes, 53,1%, é formada por moradores que vieram de outros municípios. Apenas 46,1% dos habitantes nasceram nesta cidade... Responsável pela pesquisa, o professor da UFU, Eládio José Campos Leme, resumiu os dados da pesquisa, lembrando que Uberlândia é uma cidade

complexa, pontuada de contrastes e de alto grau de exclusão social..”⁸

Diante o exposto, torna-se necessário fazer uma análise do Albergue Noturno Ramatís, de forma a descrevê-lo nos seus aspectos físicos e normativos, bem como especificar suas práticas assistencialistas frente ao discurso progressista de Uberlândia.

1.1 O Albergue Noturno Ramatís



Área externa do Albergue (fachada)

A Instituição foi fundada em 18 de abril de 1965 como Grupo Ramatisiano, na residência de Sinval Ferreira de Melo, que também foi seu primeiro presidente. Atualmente, o Albergue encontra-se situado na Av. João Pinheiro, 3.150 em terreno doado pela Prefeitura Municipal local.

⁸ Repórter Virtual, 05/12/2001

Este grupo foi fundado com o intuito de proporcionar ajuda aos necessitados e logo após a sua fundação, um grupo de três pessoas (Américo Vaz, José Costa Oliveira e João Batista Martins) ficou encarregado de redigir um estatuto à nova instituição. Assim o fizeram e registraram em cartório no dia 20 de maio de 1965. Em 15 de junho do mesmo ano a Prefeitura Municipal de Uberlândia, através da aprovação da lei nº 1343 na Câmara dos Vereadores, declarou o Albergue Ramatís de utilidade pública passando a chamar-se **Albergue Noturno Ramatís**.

Passou então, a receber principalmente migrantes pobres de outras regiões do país que passavam por Uberlândia com destino a outras cidades, ou que ainda vinham tentar a vida aqui mesmo, neste município.

Como se tornou de utilidade pública, a maior parte da verba que sustenta o albergue é da própria prefeitura (cerca de 80%), uma menor parte (20%) vem de doações da população e também de empresários da cidade.

Desde sua constituição até os dias atuais, milhares de pessoas passaram pelo albergue e praticamente todas foram registradas (fichadas).

É interessante notar que o problema com a migração de retirantes pobres é comum nas regiões mais desenvolvidas do país, o que não foi diferente com Uberlândia e que praticamente esta realidade não mudou de 1965 para cá.

A instituição como outra qualquer, tem suas normas e seu estatuto, é uma entidade jurídica sem fins lucrativos com objetivo de:

“a) abrigar todas as pessoas, de ambos os sexos, de qualquer idade, sem distinção de cor, raça e credo religioso; b) este acolhimento que se trata na letra “a” é transitório, somente a pessoas com passagens pela cidade de Uberlândia, com destino

a outras localidades; c) fornecer às pessoas recolhidas, gratuitamente abrigo, alimento, remédios, roupas, etc, de acordo com as possibilidades da entidade; d) encaminhar as pessoas aos órgãos competentes, dando condições para que elas retomem seu destino. Parág. Único: quando as pessoas manifestam a vontade de permanecer na entidade a entidade empenhará que isto aconteça.”⁹

As pessoas que procuram o albergue são atendidas pelos seus funcionários que somam um total de 10 pessoas (dados out/2001).

Conforme as normas internas do albergue, seu horário de funcionamento é das 06:00 às 07:00 h para café da manhã, das 12:00 às 13:00 para almoço e às 18:00 h para jantar e pernoite, horários estes que são cumpridos rigorosamente.



Analisando detalhadamente sua planta, ele possui um espaço externo (garagem) onde as pessoas aguardam até o horário de abertura para as refeições e pernoite; possui também uma sala onde é realizada a recepção e o preenchimento da ficha para identificação e verificação do motivo que os levaram a procurar a instituição,

⁹ Certidão – Estatuto 21/11/1988

ao lado está a sala da assistente social, bem como outra para deixar as bagagens, não sendo permitido entrar com nada para os dormitórios. Outra sala bastante ampla foi construída para a realização das reuniões do conselho e também para a presidente em exercício, no caso atual, Maria do Socorro Pereira. Convém ressaltar, que o ambiente é muito bem cuidado em termos de asseio e limpeza.



Quanto aos dormitórios, eles estão completamente separados os masculinos dos femininos. Os dormitórios masculinos têm capacidade para atender 42 pessoas e os femininos com capacidade para atender 12,

as camas são bem cuidadas e as roupas higienizadas diariamente. Tem três banheiros, sendo dois internos (um masculino e outro feminino) além de outro na área externa próximo à garagem para uso das pessoas que aguardam o atendimento, a pernoite ou a refeição.

A cozinha é bastante ampla e bem cuidada, onde é feita as refeições que por sinal, é uma comida cheirosa.





Ao lado está o refeitório no qual é servido diária e pontualmente as refeições e o café da manhã comunitário.

Já nos fundos do prédio, possuí duas dispensas e um depósito além de três quartos para alguns moradores fixos.



Moradores fixos

A sua manutenção é feita através da subvenção da Prefeitura que é usada para pagar salários, passagens, manutenção e alimentação além das doações que são recebidas da comunidade como roupas, calçados, alimentos, remédios.

O albergue atende migrantes, itinerantes, mendigos, andarilhos, pessoas em tratamento de saúde, gestantes, famílias a procura de emprego como também presta

atendimentos como orientações, encaminhamento aos recursos da comunidade, higiene corporal, alimentação, vestuário e abrigo. Seus critérios de atendimento são:

“albergar o migrante em fixação, em trânsito ou retorno à sua cidade de origem, sozinho, ou acompanhado de seus familiares somente três dias; albergar pessoas com problemas de saúde (não dependentes ou em tratamento somente com encaminhamentos do serviço social dos hospitais ou entidades; albergar menores, sem familiares, somente com encaminhamento do juizado de menores, ou conselho tutelar, com período determinado; não albergar pessoas alcoolizadas, deficientes mentais, doentes mentais, menores de rua e pessoas que fazem mendicância (catadores de papéis, garrafas, etc) que residam em Uberlândia.”¹⁰

Indiretamente, as normas e as regras internas do Albergue permitem perceber a preocupação do poder público local com a paisagem da cidade, uma vez que

“O Albergue Noturno Ramatis presta atendimento à população carente de baixa renda ou desprovida de nenhuma renda,...os quais necessitam de atendimento imediato, evitando a proliferação da

¹⁰ Regimento Interno, julho/1998

*mendicância e a deprimente exposição da miséria
nas ruas e praças da cidade”¹¹.*

Diante desta afirmativa, fica claro a preocupação da instituição/poder público com a proliferação da mendicância e a deprimente exposição da miséria nas ruas e praças da cidade, uma vez que tal situação representa uma contradição com o discurso progressista de cidade moderna e ordeira com poucos problemas sociais.

¹¹ Relatório Anual, 1996

CAPÍTULO 2

DO SONHO AO PESADELO: EXPECTATIVAS E FRUSTRAÇÕES DOS MIGRANTES ASSISTIDOS PELO ALBERGUE RAMATÍS DE UBERLÂNDIA



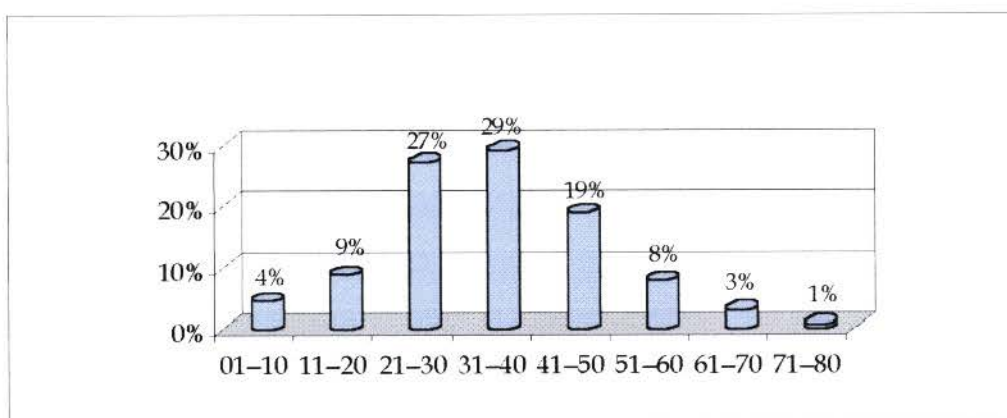
Área externa (migrantes aguardando para serem atendidos)

Sabe-se que a migração não está relacionada somente com a pobreza, mas o intuito neste momento é analisar o migrante que passa pelo Albergue Noturno Ramatís, uma vez que está sendo discutido a sua função social em Uberlândia.

A partir da pesquisa “in loco” e das entrevistas realizadas no albergue foi possível traçar um perfil dos migrantes atendidos pela instituição. Convém salientar que os dados apresentados representam a média dos últimos 05 anos, não apresentando uma variação discrepante de um ano para outro.

Identificou-se que o Albergue atende aproximadamente 4300 pessoas ao ano. Conforme pode ser verificado no Gráfico 1 abaixo, 75% das pessoas atendidas fazem parte da mão-de-obra economicamente ativa, ou seja, encontram-se entre 21 e 50 anos:

GRÁFICO 1
Faixa Etária dos Migrantes Assistidos pelo Albergue (média dos últimos cinco anos)



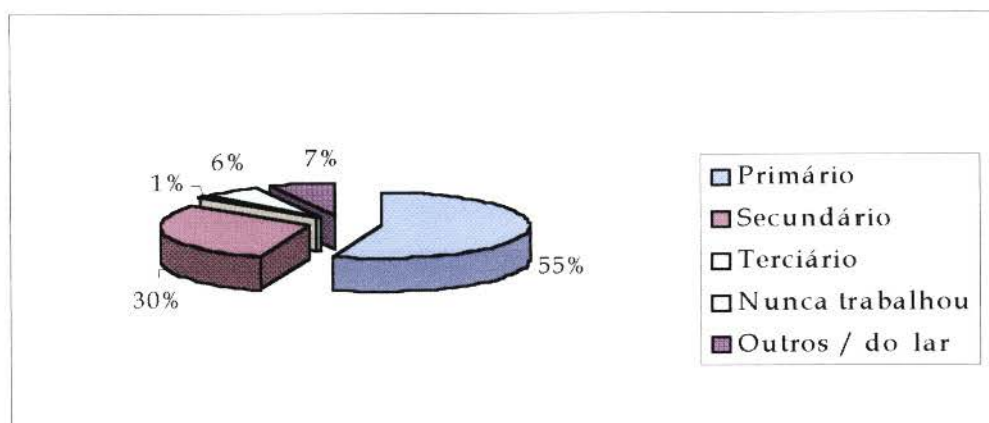
Fonte: Elaboração própria

Tanto a procedência quanto o destino destas pessoas estão centrados na região sudeste. Embora a maioria dos migrantes seja proveniente principalmente de São Paulo, normalmente são naturais do Nordeste brasileiro e Norte de Minas Gerais.

Já em relação ao grau de escolaridade dos migrantes atendidos, o gráfico abaixo revela que 55% deles possuem qualificação profissional primária e vêm para a cidade à procura de trabalho.

GRÁFICO 2

Escolaridade / Profissão dos Migrantes Assistidos pelo Albergue (média dos últimos cinco anos)

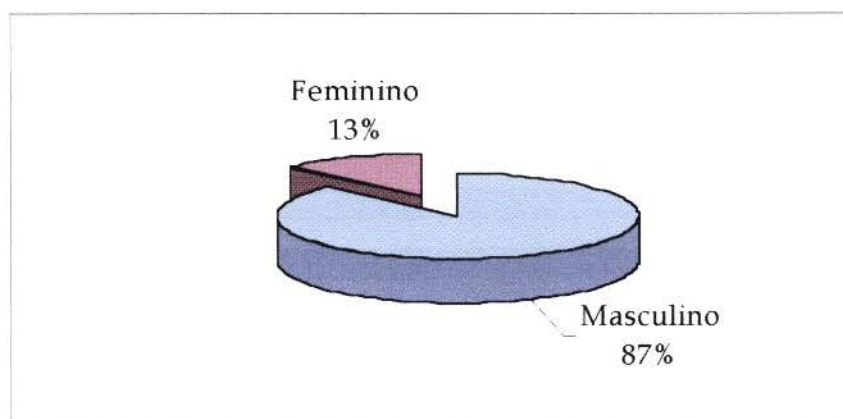


Fonte: Elaboração própria

A média dos últimos cinco anos, revela também que 87% dos migrantes atendidos pela instituição são do sexo masculino e apenas 13% refere-se ao sexo feminino, como se verifica no Gráfico 3.

GRÁFICO 3

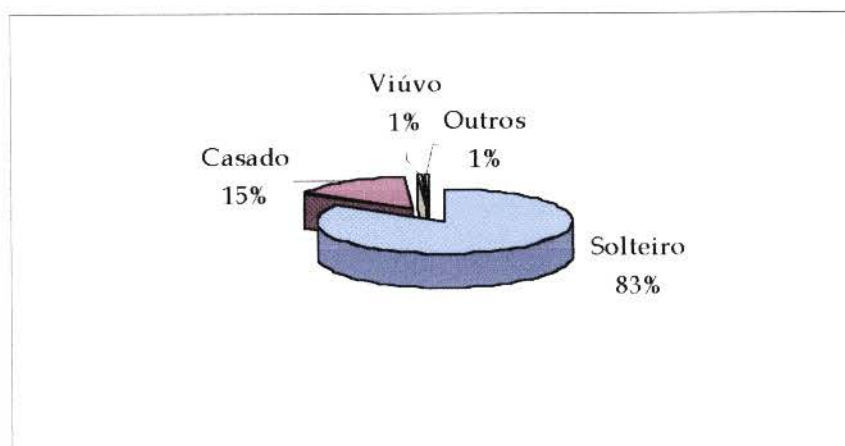
Sexo dos Migrantes Assistidos pelo Albergue (média dos últimos cinco anos)



Fonte: Elaboração própria

O Gráfico 4 apresentado a seguir, mostra que 84% dos atendidos no albergue são solteiros, muitos deles com famílias já constituídas, tendo em média de 01 a 02 filhos geralmente deixados para trás com familiares.

GRÁFICO 4
Estado Civil dos Migrantes Assistidos pelo Albergue (média dos últimos cinco anos)



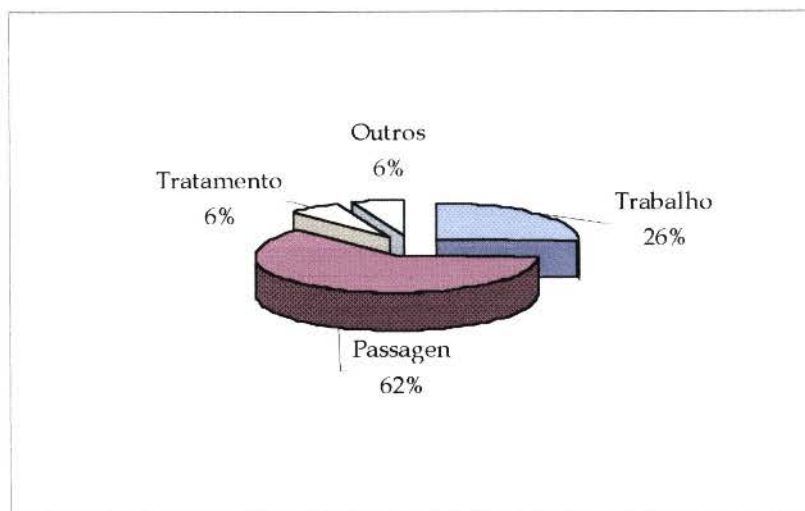
Fonte: Elaboração própria

Adicionalmente, percebeu-se que a maioria dos migrantes fichados no albergue provém de outras cidades (que não a de origem) com a finalidade de conseguir um trabalho e melhores condições de vida.

Dentre os motivos que levaram os migrantes a procurar ajuda no albergue a solicitação de passagens representou maior índice 62% dos motivos apresentados, seguido por trabalho e tratamento de saúde, com 26% e 6%, respectivamente, como pode-se ver no Gráfico 5:

GRÁFICO 5

Motivos pelos quais os Migrantes procuraram o Albergue (média dos últimos cinco anos)



Fonte: Elaboração própria

O gráfico acima leva a um questionamento dos índices obtidos, uma vez que a solicitação por passagem ocupa 62% dos motivos de procura pelo albergue. Ora, se a cidade mantém um discurso progressista que atrai pessoas e ao mesmo tempo o poder público quer ter uma cidade livre da mendicância, será que foi por opção que estas pessoas solicitaram passagens para outros destinos ou as passagens foram prontamente oferecidas como uma chance/oportunidade para voltarem à sua cidade de origem e automaticamente afastá-los de nossa cidade?

Esta questão é bastante complexa e merece ser examinada detalhadamente podendo ser aprofundada em trabalhos futuros.

2.1 Experiências Silenciadas

*Entregue à própria sorte, nessa selva
Onde a lei é a do mais forte
Indefeso, carregando todo o peso
O homem não consegue suportar
Não sabe como lidar com a vida que a vida lhe dá
Está de mãos e pés atados, incapacitado de fazer o que
é capaz
Jaz morto-vivo no mundo
Reduzido a vagabundo
Sem poder sorrir, sem poder sonhar, sem poder...
Sempre no mesmo lugar
Sem trabalho, sem sustento, sem moral
Rendido, ao relento, feito um animal..*

*Não Dá Pra Ser Feliz (Guerreiro Menino)
(O Rappa)*

É com o propósito de relatar algumas experiências dos migrantes da cidade de Uberlândia que este subitem foi desenvolvido.

Ao longo do texto, nota-se o paradoxo do discurso vendido pela cidade, e a dura realidade dos migrantes pobres que o compram. A letra da música *Não Dá Pra Ser Feliz*, do grupo O Rappa, transcrita em epígrafe, neste capítulo sintetiza a situação dos migrantes de Uberlândia.



Confraternização de Natal para os migrantes

Estas pessoas vêm em busca de trabalho e melhores condições de vida e este deslocamento da população para grandes centros em busca de melhores condições de trabalho vai alterar a vida da cidade, tanto da população que está se deslocando e que vai se adequar a estes novos espaços, hábitos e culturas como também vão alterar a vida da população de Uberlândia através de um choque de hábitos, novas mudanças e novos cenários. Esses migrantes saem de suas cidades de origem, abandonam seus valores, alteram seu sistema simbólico de comunicação e mudam seus hábitos de consumo.

Pode-se ver estas alterações nos hábitos e culturas da população através do preconceito e medo por parte da sociedade como um todo. *Andarilhos tiram o sossego de moradores*: a reportagem com este título e uma foto estampada de um comércio protegido com grades, do jornal correio de 12 de março de 2000 mostra o posicionamento da imprensa e da população em relação ao migrante, pois atribuem a violência que tem aumentado consideravelmente no bairro Brasil à presença do albergue naquela região –na

verdade quando o albergue foi construído o terreno era isolado, afastado do centro comercial, mas com o crescimento da cidade, hoje o mesmo encontra-se praticamente no centro de Uberlândia. Com a proximidade, para alguns, o crescimento da violência está relacionado à presença do albergue. Entretanto, como diz na reportagem, a assistente social da Divisão de Promoção Social da Prefeitura desconhece qualquer reclamação dos moradores do bairro Brasil, mas que na medida do possível, a secretaria fornece as passagens para que os migrantes retornem as suas cidades de origem ou sejam encaminhados a albergues.

Além de chegarem aqui e serem excluídos socialmente, os albergados passam a ser vistos como responsáveis pelo aumento da criminalidade daquele local. Lógico que não se pode generalizar, pois a violência é produto do crescimento desordenado da cidade.

Na verdade, o migrante excluído socialmente torna-se um pedinte nas ruas da cidade, uma vez que não tem como sobreviver. Pode-se dizer que existem dois tipos de pedintes em Uberlândia, aqueles que são da cidade e pedem esmola por falta de emprego ou por terem condições precárias de sobrevivência, e os próprios migrantes vindos de outras localidades à procura de emprego.

A partir dos dados levantados no albergue, pôde-se verificar que, geralmente, os migrantes vêm das regiões do norte de Minas e de São Paulo à procura de emprego iludidos pelo discurso progressista de cidade promissora. Entretanto, quando chegam aqui nada acontece da forma que planejavam e, por não terem dinheiro para retornar, acabam perambulando pelas ruas, dormindo nas praças e pedindo ajuda nos sinais de trânsito.

Em reportagem divulgada pelo Jornal Correio em 15/05/2001, o Migrante João Rodrigues, vindo do Ceará, afirma que mora em Uberlândia há mais de 01 ano e até hoje não conseguiu emprego. Segundo ele, a bebida ajuda a passar noites nas ruas e a esquecer as dificuldades. “Passei por muitas cidades no Brasil e ninguém me dá

oportunidade, quero ir para Brasília, porque lá estarei perto do presidente e poderei reivindicar melhores condições de vida”, diz ele.

A verdade, é que o campo de trabalho é restrito. Para esta mão-de-obra desqualificada o maior setor que oferece emprego é a construção civil, mas os baixos salários não permitem boas condições de sobrevivência, forçando-os a se instalarem em favelas, uma vez que o período de permanência no albergue é de certa forma limitado, pois de acordo com as normas internas da instituição, os migrantes não podem permanecer no local por muito tempo.

Regras como o tempo de permanência no albergue, horários determinados para atendimento entre outras, servem como contribuição para organização de mercado e não como preocupação da vida das pessoas, pois de acordo com Heloisa Pacheco em seu trabalho Indústria e Urbanização, os códigos são aplicados para disciplinarização de espaço, mas que não são sempre cumpridos em relação às condições de vida dos trabalhadores e sim para cumprir os planos de urbanização da cidade.

Com isso, percebe-se que de um lado tem a classe dominante querendo organizar/construir o espaço urbano e de outro as pessoas resistindo, disputando e vivendo das mais variadas formas, enfrentando o conflito do desemprego, da violência, criminalidade e periferia. Por outro lado, a “Cidade abriga e encanta diferentes forasteiros: uberlandenses, paulistas, cariocas, gaúchos e nordestinos, numa convivência harmoniosa. Uberlândia é uma boa anfitriã e não é à toa que o número de forasteiros é grande. Este aspecto da migração, aliás, já criou polêmica, pois muitos creditam à propaganda da cidade como um “eldorado” a vinda de pobres e indigentes de municípios da região e de outros estados, com a perspectiva de emprego e melhoria das condições de vida”¹².

¹² Jornal Correio, 24/02/2002 p. A-7

Estas pessoas já quebraram seus valores e suas tradições, suas famílias são dispersadas e vivem em busca de melhores condições de vida. Como bem observa Eliane Reis (2000)

“Sejam quais forem as suas causas, a realidade é que a maioria da população migrante que chega de outras regiões nos terminais rodoviários, ferroviários ou se encontram em trânsito nas estradas nacionais, na maioria das vezes, famílias inteiras, é absolutamente pobre. Como resultado deste grande fluxo de pessoas, adicionando a falta de estrutura das cidades em absorver este contingente e lhes proporcionar melhores condições para uma vida digna, suas periferias tem se transformado em amontoados de construções precárias (na maioria barracos) sem infra-estrutura, com esgoto a céu aberto, sem luz ou água encanada, condenando, assim, a população migrante a viver na marginalidade”¹³

Segundo a coordenadora do Setor de Atendimento ao Migrante, Maria do Socorro Pereira, em entrevista concedida ao Jornal Correio, a maioria destas pessoas vêm em busca de emprego e o maior fluxo é do próprio estado.

¹³ REIS, Eliane Campos. **Apenas de Passagem.** O Migrante sob a mira das práticas assistenciais do Albergue Noturno Ramatis – Uberlândia 1965/1980. Universidade Federal de Uberlândia, 2000 (Monografia Bacharelado) Pág. 18

“Uberlândia é um pólo centralizador. Isto atrai muitas pessoas que se iludem com a promessa de vida tranqüila.”¹⁴

Para ela o albergue tem uma única finalidade: garantir a permanência por 03 dias para pessoas que estão em trânsito, até que providenciem empregos, passagens e documentos. “Nosso trabalho se resume em dar assistência a pessoas que tem um destino certo. Não podemos resolver problemas”, comentou. Muitos destes migrantes ficam perambulando pelas ruas da cidade, como é o caso de Delmaci Severina de Lima de 29 anos, casada,

“Vim de Santos, com meu marido e duas filhas, atrás de serviço. Falaram que aqui tinha mais chance para caseiro e que era uma boa cidade. Espero encontrar emprego tanto para mim, quanto para meu marido, que minhas filhas tenham uma chance melhor na vida. Se não arrumar nada, vamos procurar outro lugar.”¹⁵

Ruivaldo Lodi Júnior, 30 anos, solteiro, também veio a procura de trabalho

“Vim de Ribeirão Preto para procurar um serviço. Sou colhedor de café, motorista, sou tudo. Tenho esperança de arrumar alguma coisa, mas ainda não consegui

¹⁴ Jornal: Correio de Uberlândia, 05/11/95, pág. 12

¹⁵ Jornal O Triângulo em 12/05/96, pág. 09

emprego. Fui atropelado. Espero me recuperar, mas mesmo machucado, vou sair para procurar trabalho.”¹⁶

Destaque-se, também, que o migrante vai perdendo sua cultura e ainda sofre humilhação. Para arrumar emprego, por exemplo, ao procurar o SINE (que é um órgão da prefeitura com a finalidade de recolocação profissional), é necessário ter um local fixo de residência, e estes migrantes não possuem e são obrigados a fornecerem o temporário, no caso o do albergue e são discriminados, marginalizados por isto.

Como foi visto anteriormente, os atendidos no albergue apresentam, na sua maioria, nível de escolaridade baixo e falta de qualificação profissional, o que dificulta o seu encaminhamento a algum tipo de emprego, e por isso ficam à deriva do mercado produtivo. Alguns deles, como o Sr. Francisco de Assis Gomes, 34 anos, natural de Solidade no norte, estava presente no albergue em 05/04/02 e em entrevista relatou que está em Uberlândia há dois dias, mas está difícil conseguir alguma coisa, então quer pelo menos conseguir uma passagem até Patrocínio, pois soube que lá tem uma lavoura de café e que vai tentar um trabalho lá.

Outro migrante entrevistado foi o Sr. Ruy Luiz de Souza, 49 anos, solteiro, natural de Jacarezinho/PR, ele disse que estava morando em Coromandel, e que veio em busca de trabalho e vai ficar por aqui mais 03 dias; seu dinheiro está acabando e está aguardando o seguro desemprego, mas se não conseguir nada, pretende voltar para Coromandel.

Já a situação do Sr. Darvino B. Prado mostra a dificuldade, conforme citamos anteriormente, em não se ter um local de residência fixo, pois o Sr. Darvino, 56 anos, solteiro, natural de Guarandiaçu/PR já conhecia Uberlândia de passagem, há uns 03 anos.

¹⁶ Idem, pág. 09

E que agora veio para cá porque sua tentativa de arrumar um serviço em uma usina em Goiânia fracassou por não ter um endereço fixo na cidade, pois a usina exigia um comprovante de residência. Ele passou 10 dias num albergue lá, mas como o seu dinheiro já estava acabando, veio para cá, e vai tentar ir para o Sul de Minas para trabalhar em lavoura de café.

Outra experiência é a do migrante Jerry Adriani Vaz Ferreira, 27 anos, solteiro, natural de Belo Horizonte, mas que reside em Ribeirão Preto. Segundo ele, viajou dois dias de bicicleta para vir a Uberlândia tirar/expedir documentos, pois ficou sabendo que aqui o processo é mais rápido e menos complicado. Resultado do discurso da cidade. Ele ficará no albergue até a liberalização dos documentos, e depois retornará para Ribeirão Preto, onde trabalha em uma usina.

Diante destes e de outros casos, é natural que o entrevistador e até mesmo o leitor fique indignado em saber o quanto é forte a desigualdade social em Uberlândia, o que não deve ser diferente no restante do país. Reportando ao antropólogo João Marcos, a cidade de Uberlândia ao mesmo tempo dá um cravo, dá uma ferradura.

Percebe-se, que apesar de todo esse sofrimento, falta de moradia, desemprego, humilhações etc. essas pessoas trazem consigo a esperança, o sonho de uma vida melhor, mas que a realidade se encarrega de transformar em frustrações. Vão-se os sonhos e as esperanças e ficam as experiências silenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pôde-se perceber ao longo deste trabalho que a cidade de Uberlândia, por interligar o centro-oeste com o sudeste do país, foi beneficiada pelos projetos políticos desenvolvimentistas a partir da década de 50. Como resultado, foi inserida no cenário nacional e atraiu um grande fluxo migratório. E como qualquer cidade em crescimento, surgiram problemas como a mendicância, miséria, favelamento, menores abandonados, prostituição e desemprego, entre outros.

No sentido de minimizar tais problemas, o poder público local, juntamente com outros órgãos, como a Igreja, por exemplo, criaram projetos de disciplinarização do espaço urbano. Foi nesta época que o Albergue Noturno Ramatís foi criado. A instituição tem a função social de abrigar todas as pessoas sem condições financeiras que estão de passagem por Uberlândia; fornecer gratuitamente alimento, remédio, roupas etc. aos albergados e dar condições de retorno às cidades de origem, entre outras.

As pessoas vêm para a cidade esperando encontrar emprego e melhores condições de vida, são geralmente atraídas pelo discurso progressista de cidade promissora, que é divulgado nos meios de comunicação local e de âmbito nacional. Mas ao chegarem aqui, deparam com outra realidade.

Diante do aumento desordenado da cidade e do número crescente de migrantes pobres, o poder público local faz uso das instituições filantrópicas, no caso em questão, o Albergue Ramatís, como forma de controlar a pobreza no espaço urbano, visto que o atendimento culmina, na maioria das vezes, com o encaminhamento das pessoas às cidades de origem.

Ainda que se questione até que ponto o poder público pode usar as instituições filantrópicas como instrumento para manter a higienização da cidade, verifica-se que os resultados da assistência social por parte destas instituições, embora sejam pouco eficazes, são melhores do que os obtidos na ausência de políticas sociais públicas.

Paralelamente a esta realidade o albergue, juntamente com a ICASU e o Apoio ao Migrante, estão juntos no controle das práticas de disciplinarização do pobre e do espaço urbano em Uberlândia, evidenciando as contradições experimentadas na história da cidade de ordem e progresso.

Em relação aos dados levantados, detectou-se que a maioria dos migrantes atendida pelo albergue é representada por pessoas do sexo masculino, geralmente solteiros e com escolaridade primária.

Foram destacadas algumas entrevistas realizadas no Albergue Noturno RAMATÍS, além de alguns relatos divulgados nos jornais locais, que fizeram concluir que a maioria dos albergados são marginalizados, discriminados e sofrem o preconceito social. Mas apesar de todo esse sofrimento, não perdem a esperança de encontrar uma vida melhor.

Se, por um lado, Uberlândia é uma cidade de destaque, com uma economia desenvolvida e longe dos problemas sociais dos grandes centros, de acordo com o seu discurso progressista, por outro, não está preparada para acolher o grande número de migrante pobre que aqui chega em busca de vida melhor.

Obviamente que a criação de instituições caritativas, como o Albergue Ramatís, não soluciona os problemas sociais enfrentados pela cidade, apenas os posterga, quando na verdade resolve a consequência e não a sua causa. Além de conduzir as pessoas para outras cidades, as instituições deveriam trabalhar no sentido de ajudar os migrantes

pobres que desejassem ficar na cidade, recolocando essas pessoas no mercado de trabalho, por exemplo.

É natural que quando os projetos sociais passam a ser aplicados na prática os erros aconteçam, causando desigualdades. Contudo, se por um lado as desigualdades sociais são inevitáveis, e até mesmo esperadas, por outro, a imagem de Uberlândia pode ficar fragilizada perante à população local e até nacional ao manter um discurso contraditório à sua realidade. É necessário, portanto, que o poder público local crie projetos sociais eficazes, e antecipe-se aos futuros problemas.

O trabalho apresenta algumas limitações, sendo que a mais importante delas é a complexidade de se tratar a questão social de uma determinada cidade, no caso Uberlândia, posto que as políticas sociais locais, acabam sendo um reflexo da política social do país e não única e exclusivamente da cidade pesquisada. A falta de documentos é também outra limitação, pois impossibilita a análise densa do período, restringindo o resgate da memória através apenas daquilo que encontra-se disponível.

Apesar das limitações citadas, a pesquisa atingiu o seu objetivo, e ainda evidenciou novos caminhos de estudo nesse campo. Cita-se como exemplo, a questão do alto índice de solicitações de passagens que poderia ser estudado mais detalhadamente para comprovar sua veracidade; também pode-se trabalhar a questão da urbanização da cidade, especificamente do Bairro Brasil, onde a instituição está instalada e diagnosticar o confronto entre comunidade do bairro versus mendigos.

FONTES

PERIÓDICOS

O Correio de Uberlândia – 05/1966 , 11/1995, 03/200, 05/2001, 02/2002

O Triângulo – 05/1996

Revista Veja – 05/01/2000

Revista Dystaks – 07 e 08/2001

FONTES DOCUMENTAIS

Relatórios Anuais do Albergue Noturno Ramatís

Estatutos

Fichas de triagem e atendimento do Albergue

DOCUMENTOS ORAIS

Entrevistas realizadas com alguns migrantes

BIBLIOGRAFIA

BURKE, Peter (Org). **A Escrita da História** . Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992, p.39-62

FENELON, Déa Ribeiro - **O HISTORIADOR E A CULTURA POPULAR**: história de classe ou história do povo? – História e Perspectivas, Uberlândia, 6-5-23. Jan/Jun. 1992, Pág. 5-23

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: História da Violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977- p. 125-152

HOBBSBAWM, Eric **Da História Social à História da Sociedade** Ensaios. Capítulo VI, pp. 83-105

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **A Disciplinarização da Pobreza no Espaço Urbano Burguês**: Assistência Social Institucionalizada (Uberlândia 1965/1980. Dissertação de Mestrado/USP, 1990.

PAOLI, Maria Célia. **Memória, História e Cidadania**: O Direito ao passado, São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura. Depto. Do Patrimônio Histórico, 1992

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na História Oral.** A Pesquisa como um experimento em igualdade In: *Revista Projeto História*, São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de História da PUC-SP, nº 14, fevereiro de 1997, pp. 07-39

REIS, Eliane Campos. **Apenas de Passagem.** O Migrante sob a mira das práticas assistenciais do Albergue Noturno Ramatís – Uberlândia 1965/1980. Universidade Federal de Uberlândia, 2000 (Monografia Bacharelado)

SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral.** In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, nº 19, set. 1989/fev. 1990, pp. 219-243

THOMPSON, E.P. **A miséria da Teoria ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser.** Zahar editores. Rio de Janeiro. Capítulo VII, pp. 47-62.